

A questão “Deus” em Vladimir Jankélévitch: Um agnosticismo apofático?*

**The question “God” in Vladimir Jankélévitch:
An apophatic agnosticism?**

Felipe Marçal Anunciação**

Resumo

O filósofo francês Vladimir Jankélévitch (1903/1985) não tratou a questão filosófica de Deus propriamente. Seu pensamento sempre privilegiou as experiências impalpáveis, inapreensíveis e ligadas ao instante fugidio da vida comum como as verdadeiras experiências. Os sistemas filosóficos fechados sempre foram tratados por ele com desconfiança; por isso a teologia afirmativa, o pensamento Hegeliano e a música alemã do período clássico não foram citadas em sua obra. Além disso, sua visão sobre a morte é dura, um nada absoluto; e num todo, parece que sua visão de mundo é agnóstica. Mas o que nos trouxe o interesse de escrever este artigo, é que por outro lado, a escola filosófica de Jankélévitch é constituída de pensadores da metafísica e da religião (mística católica) como Platão, Plotino, São Francisco de Sales, São João da Cruz, Pseudo-Dionísio Areopagita, o abade francês Henri Bremond, Henri Bergson entre vários

* Artigo enviado em 16/10/2018 e aceito para publicação em 07/12/2018.

** Bacharel em Música pela UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) e mestrando em Filosofia, na linha de pesquisa ‘Filosofia da Religião’ pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), com ênfase nos estudos da estética da música judaico-cristã.

outros. Outro fator é o judaísmo de Jankélévitch e como essa religião que gerou o monoteísmo influenciou a sua forma indefinida, ambígua, conflituosa, poética e bela de filosofar. Pensando em todos esses detalhes, como a questão "Deus" seria ignorada ao falar de Vladimir Jankélévitch? Seria o seu não falar sobre Deus um total desprezo do assunto? Ou seria um sinal de profundo respeito á um Deus que não se limita a categorias conceituais? Seria seu pensamento um agnosticismo apofático? Este artigo não tem o intuito de responder de forma definitiva a estas perguntas, mas estimular a reflexão sobre o tema e sobre o filósofo.

Palavras-chave: Vladimir Jankélévitch; Deus; Mística; agnosticismo; teologia negativa.

Abstract

The French philosopher Vladimir Jankélévitch (1903/1985) did not address the philosophical question of God properly. His thinking has always privileged the impalpable experiences, unapprehensible and linked to the fleeting moment of ordinary life as the true experiences. Closed philosophical systems have always been treated with suspicion; so affirmative theology, Hegelian thought, and German music of the classical period were not mentioned in his work. Moreover, his view of death is hard, an absolute nothingness; and in all, it seems that his worldview is agnostic. But what brought us the interest of writing this article is that, on the other hand, the philosophical school of Jankélévitch consists of thinkers of metaphysics and religion (Catholic mysticism) as Plato, Plotinus, St. Francis de Sales, St. John of the Cross, Pseudo-Dionysius the Areopagite, the French abbot Henri Bremond, Henri Bergson among several others. Another factor is the Judaism of Jankélévitch and how this religion that generated the monotheism influenced its indefinite, ambiguous, conflictual, poetic and beautiful way of philosophizing. Thinking of all these details, how would the question "God" be ignored when speaking of Vladimir Jankélévitch? Would your not talk about God a total disregard of the subject? Or is it a sign of deep respect for a God who is not confined to conceptual categories? Was his thought an apophatic agnosticism? This article does not intend to answer definitively these questions, but to stimulate reflection on the subject and on the philosopher.

Keywords: Vladimir Jankélévitch; God; Mysticism; agnosticismo; negative theology.

Introdução

A questão filosófica de Deus talvez seja o tema mais controverso na história da filosofia ocidental. A palavra "Deus" ou "Deuses" é oriunda da vida do homem religioso, ou seja, vem muito antes da cultura grega ocidental e dos escritos de seus pensadores. Por isso, é uma palavra e um conceito que a filosofia já recebeu *a priori*, e que pela sua amplitude significativa, sempre foi um assunto infinito e inquietante. Afinal, como explicar Deus filosoficamente? É possível apresentar Deus logicamente? Um sistema filosófico consegue comportar essa palavra? São perguntas difíceis de serem respondidas. Mas por essa indagação inesgotável é que se mostra a beleza e a riqueza da questão filosófica de Deus; que, mesmo sem uma resposta última, ela nos ascende para um vasto mundo de conhecimentos que talvez nunca chegássemos sem essa palavra, esse conceito, essa experiência e essa busca filosófica.

Muitos são os filósofos que se debruçaram perante esse tema, cada um dentro dos contextos de suas épocas, crenças, culturas e sociedades. Quero apresentar neste artigo talvez a visão de Deus mais fugidia e indefinida entre os filósofos: A questão de Deus em Vladimir Jankélévitch. Por que tal tentativa? Não creio trazer uma resposta última a essa indagação, mas acredito que sua filosofia e sua escola filosófica possa nos mostrar uma forma original de entender a Deus. Façamos primeiro um pouco do autor:

Vladimir Jankélévitch (1903 - 1985) foi um filósofo judeu francês do século XX, de uma erudição refinadíssima, de uma escrita que reúne a filosofia, a poesia, a música e a mística de forma única. Sua filosofia é poética e apofática, sua poética é filosófica, sua visão e gosto musicais refletem suas opiniões políticas, filosóficas, existenciais e seu grande conhecimento musical¹. Sua visão sobre religião é sempre dúbia, nunca clara, como todos os assuntos citados acima. Foi um judeu agnóstico, que sempre citou Deus em seus escritos de forma fugidia, incerta, as avessas da forma convencional, longe da busca por certezas.

Por que então tratar a questão de Deus em Jankélévitch? Não há respostas em sua obra! Ele passa ao largo das definições, era um crítico ferrenho das fórmulas prontas, por isso, se afastava dos sistemas filosóficos, que para ele soava como "enganação". Em seu livro "Curso de Filosofia Moral" compilado e editado por Françoise Schwab, diz que Jankélévitch "considerava que homens formados na 'arte e no método de pensar por si mesmos' seriam 'uma garantia contra as derrapagens ou cegueiras das ideologias'".² Será que seu agnosticismo e sua forma indireta de citar Deus seja sua maior declaração de respeito a palavra e a experiência "Deus"? Pensando sob a ótica de sua filosofia, talvez...

¹ Para conhecer melhor sua visão musical, ler os livros *Primeiras e últimas palavras* e *A música e o inefável*.

² JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Curso de Filosofia Moral*, p. X (prefácio de Françoise Schwab).

1. Sua escola filosófica

Além do fato de Vladimir Jankélévitch ser o filósofo que estudo, o motivo pelo qual escolhi falar sobre a questão filosófica de Deus através de sua filosofia consiste na sua escola filosófica. Estudando seu pensamento e suas referências, vemos que Jankélévitch tem como referência Platão, que mesmo sendo não tão próximo de sua filosofia, foi o filósofo clássico que mesmo sendo de pretensões racionais, abriu caminho para uma transcendência como resposta. O deus demiurgo e outros conceitos como "segunda navegação", "o bem verdadeiro" e o "belo verdadeiro"³ abriram os caminhos para os pensamentos místicos que viriam com o decorrer dos séculos. Mas o filósofo que se aproxima mais de seu pensamento foi o Neoplatônico Plotino. Em seu "Tratado das Enéadas", Plotino inicia dois importantes caminhos que muito influenciaram a filosofia de Jankélévitch: A beleza da música não como simetria, e o conceito de *Kháris*, a graça plotiniana. Graça essa que ilumina as formas artísticas traz a beleza aos rostos⁴ e que ajudou a fundamentar o conceito da graça cristã. A filosofia Jankélévitchiana privilegia a graça, o momento evanescente, a verdade que aparece desaparecendo, que acena se despedindo, a centelha que resulta do encontro entre a materialidade e a imaterialidade.

Outra fonte importantíssima de sua filosofia consiste exatamente da literatura cristã; não a teologia afirmativa⁵, mas sim os escritos místicos da teologia apofática (negativa): Pseudo-Dionísio Areopagita, Nicolau de Cusa São João da Cruz, São Francisco Sales e etc. Interessante é um autor que foge de se definir como religioso ou crente em Deus ter sempre em sua filosofia as terminologias da teologia negativa. Em seu livro "*Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien 2 - La méconnaissance, Le malentendu*" ele elogia a docta ignorância, em referência a sabedoria do místico Dioniso Areopagita. Em suas palavras:

"La docte ignorance, gnose nesciente, à la fois excusable et pardonnable est au contraire l'inconnaissance de l'inconnaissance; ele est, sinon une véritable intuition, du moins une espèce d'innocence gnostique: telle est cette gnose dont nous parle la théologie mystique du Pseudo-Denys (l'Aréopagite), est qui traverse la nuée ténébreuse de l'inconnaissance pour accéder à la lumière; dans le même sens le traité des noms divins de Denys l'Aréopagite

³ PLATÃO. *Fédon*.

⁴ Plotino alega que a beleza do rosto consiste mais na presença da graça, que é a alma que habita no corpo, do que a forma do rosto em si. Prova disso seria o vislumbrar do mesmo belo rosto, mas sem vida, como defunto; a beleza e o brilho do olhar não estariam mais no referido rosto. Essa opinião sobre a graça também habitaria na música para Plotino; uma música bem construída sem o "não-sei-quê", esse encanto misterioso, seria uma música sem vida, sem expressividade, morta, apenas técnica. Vladimir Jankélévitch tem esse pensamento plotiniano muito enfatizado em sua filosofia: o "não-sei-quê (*je-ne-sais-quoi*) é como *leitmotiv* em seus escritos. Para ele, a verdade seria esse não-sei-quê, não apreensível, que traz encanto a vida em seus detalhes.

⁵ Jankélévitch não fundamentou seu pensamento através dos grandes nomes da teologia como São Tomás de Aquino ou Martinho Lutero. Suas preferências teológicas são mais sutis.

nous dit que l'inconnaissance est le chemin vers la connaissance. Elle est en fait au-delà de l'alternative connaissance-ignorance."⁶

Outra importante referência para compreender o pensamento de Vladimir Jankélévitch é o abade francês Henri Bremond (1865-1933). Henri Bremond em seus livros "*Plegarya y Poesia*" e "*La poesia Pura*" apresenta uma crítica contra a construção poética e musical somente fundamentada nas ideias platônicas e aristotélicas, que chegaram em seu ponto culminante no período clássico (século XVIII e início do século XIX). Henri Bremond diz que essa visão racionalista e construtivista da poesia matara a poesia pura, essa mais próxima da mística e da oração do que dos manuais técnicos de poesia e música. Henri Bremond diz no início do livro *Plegarya y Música*:

"Una filosofía puramente racional e no-mística de la poesia-por otra parte, no interessa aqui si es verdadera o falsa- es un accidente, un cometa en la historia universal de la estética: *Prolen sine matre creatam*. Está em contradicción si no siempre con la enseñanza teórica, al menos con la experiencia de los poetas de todos los tempos; em contradicción si no siempre con las fórmulas, al menos con las convicciones implícitas, con las premisas lejanas, con las intuiciones de los filósofos de todos los tempos. Excepto durante períodos relativamente muy cortos se há convenido em ver em la poesia una actividad especial, no enemiga, pero distinta de las actividades propriamente racionales: um conocimiento, puesto que nos pone em relación con las cosas, pero um conocimiento completamente particular, cuyo objeto inmediato no es del conocimiento racional, lo universal; cuyo mecanismo, por lo demás misterioso, no obedece a las reglas del *Arte de pensar*."⁷

Com essa citação começamos a entender o motivo de Jankélévitch privilegiar a poética como escrita filosófica: uma escrita que abarca a totalidade do homem, não apenas o seu âmbito racional. A música, que é a poesia "inefável" (palavra muito usada por Jankélévitch) teria então toda a liberdade em sua filosofia. Quero me demorar um pouco mais em Henri Bremond, pois acho que algumas de suas citações nos ajudarão a compreender o percurso deste artigo. Em especial em suas considerações sobre a influência de Sócrates, Platão e Aristóteles nesse contexto. Primeiro quanto a Sócrates e Platão:

⁶ "A docta ignorância, gnosis nesciente, ao mesmo tempo escusável e perdoável é, ao contrário, a inconsciência do não-saber; é, se não uma verdadeira intuição, pelo menos uma espécie de inocência gnóstica: tal é a gnose que a teologia mística de Pseudo-Dionísio (o Areopagita) nos fala, é a que passa através da nuvem escura de inconsciência para obter acesso a luz; no mesmo sentido, o tratamento dos nomes divinos de Dionísio, o Areopagita, nos diz que o não saber é o caminho para o conhecimento. Isso é feito além da alternativa da ignorância do conhecimento." (JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Le Je-se-sais-quoi et le Presque-rien* – Tomo 2)

⁷ BREMOND, Henri. *Plegarya y Poesia*. p.17.

“Y he aquí por qué el problema de la poesía ha vuelto tan desgraciados a Sócrates y Platón. Ellos adoran a los poetas, y al hacerlo temen pecar contra la razón. Este elemento divino, que ellos no dejan ciertamente de reconocer, les molesta tanto como les encanta. Estos dos hombres tenían que llenar una misión: quitar a la razón humana la leche que hasta ese entonces al nutrirla la embriagaba y hasta le impedía crecer; ceñirla, enfiarla a sostenerse sobre sus jóvenes piernas, en fin, a hablar. Era menester inventar la gramática, la dialéctica y, lo que es más, y sobre todo, la moral. En cuanto a la poesía ya estaba hecho. Se la podía olvidar un poco y aún, por necesidad, aparentar su persecución. *Fará de sè*. Com todo nunca se rehusaron a colocar a los poetas entre “los sabios”. Al contrario, no hay más sabios. Sólo que ellos no pueden explicar su propia sabiduría, no la conocen. La belleza que expresan les viene de un no sé qué irracional, *phýis tis* (germe) de una especie de instinto. Ahora bien, el instinto es la pesadilla de la gramática, de la dialéctica y de la moral, esse trébol austero que entonces se llamaba *sophía* (razão). Por consiguiente, el abismo. De un lado, los razonables, los sabios conscientes; de otro los sabios locos *enthousiásoutes hósper oi theomautheis kai oi khesmedoí* (bem como os deuses e deusas –citação inspirada no livro de Platão – *Apologia*, 22)”⁸

O termo usado por Bremond “Non sé qué” (Não sei quê) muito usado por Jankélévitch, é muito utilizado pela tradição dos místicos cristãos como São João da Cruz e São Francisco de Sales, e como dito acima, pelo neoplatônico Plotino. Vejamos agora a opinião de Bremond sobre Aristóteles:

“No temamos insistir. Estos griegos de la edad de oro sueñan en establecer la ditadura de la *sophía* (razão), Sócrates y Platón como Aristóteles, cualquiera que sean por otra parte las contradicciones – flagrantes em los dos primeiros, por ejemplo, el llamado supremo al demônio interior – que deben impedir la perfecta realización de este sueño. Pero no establecieron su ditadura de la misma manera: Platón por el destierro, Aristóteles por um crimen mucho más grave. Platón si limita a aparentar que despide a lo anarquistas rebeldes a esta sabiduría consciente y voluntaria cuyo triunfo se trata de asegurar; Aristóteles al contrario, se propone incorporar los poetas a su fascismo de la *sophía*, y para ello exorciza el poder extraño que lo posee. Los conservará en su República, pero amansados, despojados de su veneno, despoetizados. Descalifica no a tal o cual poeta – *uno avulso* – , sino la definición misma de la poesía. Someter a las categorías de la razón pura y a las reglas de la razón práctica una actividad que se caracteriza justamente por escapar a ambas, es el golpe de estado más violento y más absurdo que haya intentado jamás un filósofo.”⁹

⁸ Idem. p. 18 e 19.

⁹ Idem. Pág 23 e 24.

Percebemos então que o pensamento de Jankélévitch está em sintonia com as filosofias que preferiram se distanciar da construção metafísica dos clássicos¹⁰, visão essa vista como rígida, soterradora da poesia e da arte, e pensando pelos pensadores apofáticos, uma distorção do pensamento religioso puro; essa entendida como a linguagem primigênita do homem, linguagem que existe antes da fala e da racionalidade. Podemos então dizer que a filosofia clássica, que privilegiou a razão e a lógica, se esqueceu da linguagem anterior que a construiu, fragmentando então a comunicação humana. Henri Bremond também diz que a poesia pura está no mais profundo do homem, só não mais profundo do que a experiência mística. Então a poesia e a oração seriam as experiências de comunicação mais intensas e primárias do homem:

“no es el poeta quien nos aclara el misterio del místico, al contrario, el místico, em sus estado más sublimes, nos ayuda a penetrar el misterio del poeta. No podría ser de otra manera porque, por una parte, la experiencia poética y la experiencia mística pertenecen, por su mecanismo psicológico, al mismo orden de conocimiento – un conocimiento real, no inmediatamente conceptual, unitivo... – y, por otra parte, la experiencia mística es el grado más alto, el supremo desenvolvimiento em la tierra de todo conocimientos real: no sólo, el más perfecto de los conocimientos, lo cual es evidente de suyo, por el carácter sobrenatural que todos los creyentes deben reconocerle y que asegura su trascendencia, sino además porque sólo ella pone em movimiento todo el mecanismo psicológico, todos los resortes del conocimiento real.”¹¹

Encerro aqui a participação de Henri Bremond neste artigo mostrando através dessas citações a importância da poesia e da mística, que dentro dessa linha filosófica vem como verdade antes da palavra, da razão e da lógica. Com isso, os sistemas filosóficos rígidos e as teologias afirmativas seriam secundárias ou limitadas para o encontro com a totalidade da verdade; essa não sendo só uma resposta escrita bem formulada, mas a palavra como fruto de uma experiência totalizante. Totalidade essa que se encontra na arte, em especial na música, na experiência mística, nos gestos e gestuais da vida cotidiana, nas experiências únicas e intensas que não são calculáveis nem apreensíveis: o “não-sei-quê”, o milagre dos instantes repletos da Graça.

O último importante filósofo que irei destacar é Henri Bergson (1859-1941), que muito influenciou a filosofia Jankélevitchiana através da sua filosofia que privilegia o tempo. Seu livro “O Pensamento e o Movente” tem como uma das principais contribuições a constatação de que o pensamento ocidental sempre lidou com o tempo de forma espacial, e não como o tempo

¹⁰ Pensamento esse encontrado em vários autores modernos em que Jankélévitch não tinha muita proximidade como Nietzsche e Heidegger, mas que se encontrou de forma inspiradora no mestre Henri Bergson como veremos em seguida. Para entender melhor o pensamento bergsoniano, ler “O pensamento e o movente” e o capítulo “Introdução a metafísica” da coleção “Pensadores” em homenagem ao filósofo.

¹¹ BREMOND, Henri. *Plegarya y Poesia*. Pág 183 e 184.

realmente é, um eterno instante! Sua filosofia diz que a organização do tempo como blocos de duração oriunda do pensamento grego só viu o tempo como calculo matemático, como pensamento de construção, não como constante mudança e renovação. Essa mudança paradigmática do tempo influencia profundamente não só a filosofia contemporânea, mas também a visão poética e musical (antes vista no barroco principalmente no classicismo de forma orgânica, matemática, simétrica, uma abstração do raciocínio, demonstrada visualmente na partitura; agora pensada de forma intuitiva, mística, lírica, podendo ser assimétrica, evanescente), e também a visão religiosa (No iluminismo, Deus explicado pela teologia das denominações religiosas, a ciência e suas comprovações como reforço da fé, uso constante da retórica e dos sistemas teológicos e filosóficos como normas para a verdade. Com as novas visões, Deus passa a ser visto novamente como experiência, como além dos sistemas fechados, como uma voz, não apenas como visão exterior). Creio ser oportuno lembrar também aqui de Emmanuel Levinas (1906-1995), que também é um filósofo judeu. Sua abordagem sobre e fé dentro da cultura judaica nos ajuda a entender como a compreensão bíblica, o talmude e a fé são interpretados de uma forma completamente diferente da interpretação cristã, essa influenciada pela cultura greco-romana. Levinas via que a comunidade religiosa tinha como prioridade a vida ética comunitária acima de qualquer outra responsabilidade; acima da moral dura, do controle social e das hierarquias. De uma forma bem rápida e resumida, poderíamos entender a compreensão judaica como mais poética, auditiva, corporal, intuitiva. Já a compreensão greco-romana seria mais visual, mais vinculada a política, mais filosófica e racional.¹²

Após toda essa explanação das fontes filosóficas e da filosofia de Jankélévitch, podemos partir para a última parte do artigo, abordando o judeu Vladimir Jankélévitch, e como o judaísmo, sua compreensão de Deus e suas bases filosóficas contribuíram para o seu pensamento. Seu agnosticismo se mantém muito próximo de toda a cultura religiosa, de suas terminologias e sua ética prática.

2. Jankélévitch e o Judaísmo: a questão “Deus” como inevitável

“A peculiaridade do judeu nunca foi a de buscar a solução numa síntese conciliadora: deixamos a tarefa a Hegel e seus amigos. Em lugar disso, acreditamos na fecundidade de uma oscilação vibratória infinita entre dois pólos: de um lado, a disseminação com sua inquietação, a diáspora, que é principio de aporia; de outro, o Estado temporal, certamente banal como todos os demais Estados, mas que representa a possibilidade intramundana de Israel – que digo? – sua certeza aqui na terra, a própria afirmação de sua plenitude vital.” (Vladimir Jankélévitch)¹³

¹² Para consulta, ver o livro “Do Sagrado ao Santo” de Emmanuel Levinas.

¹³ JANKÉLÉVITCH, Vladimir. La consciencia ebraica Pág 34 e 35.

Karl Rahner (1904-1984) em seu *Curso fundamental da fé* afirma que o fato da palavra "Deus" existir em uma sociedade tem forte influência sobre a linguagem, mesmo que essa sociedade não acredite em Deus. A palavra "sem rosto" e de alguma forma "infinita" abre muitas possibilidades de questionamentos, de angústias e pontos de vista. Segundo Rahner a palavra "Deus" o situa "diante da totalidade única da realidade e diante da totalidade única da sua existência"¹⁴, independente de sua fonética ou origem. Se em uma sociedade ateuista ou sem interesse algum pela religião a palavra "Deus" exerce impacto, imagine dentro de uma cultura judaica! Povo milenar que tem como motivo de sua origem o conhecimento do Deus *YAWHEH*, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, o Deus que se tornaria o Deus das religiões monoteístas. É bastante notável na filosofia de Jankélévitch, mesmo com sua constante falta de certezas e concretudes, com sua filosofia agnóstica e ao mesmo tempo apofática, a presença da palavra "Deus" em oculto. No frescor de sua escrita, na atmosfera apresentada por sua filosofia, em sua ênfase nos momentos indizíveis e inefáveis da vida, na exaltação das experiências ingênuas e impalpáveis que não tem preço ou nenhuma utilidade; o "Deus que aparece na ponta dos pés"! O Deus poético, que se apresenta como poesia aos *PrOFETAS* do antigo testamento (Moisés, Elias, Eliseu, Isaías, Ezequiel, Samuel, Neemias, etc), o Deus que inspirou os salmos de Davi, o homem considerado segundo o coração de Deus, chamado para ser o Rei de Israel quando poeta e pastor de ovelhas. O Deus da filosofia de Levinas, da ética para com o próximo como primeiro plano, o Deus que fala com seus filhos, e seus filhos escutam; escutar, mística, música, poesia....talvez Deus esteja mais próximo da filosofia de Jankélévitch do que consigamos perceber.

Vladimir Jankélévitch enxerga o mundo sob a ótica do judaísmo, com suas incertezas, dualidades e fecundidade perante as oscilações, e esse paradigma percorre todo o seu pensamento. Para ele, o fato de "estarem ontem e ainda hoje tão presentes no espírito judaico o dualismo e a oscilação entre a diáspora e um Israel, ontem distante, imaginado, desconhecido, desejado, invocado, e hoje real e presente em sua concretude. Isso não é um beco sem saída, desesperador, e sim uma polaridade vivificante que eletriza a consciência judaica."¹⁵ Os sistemas ou regimes de verdade é que são para ele questionáveis, "é a verdade que é dilacerada e incoerente, as verdades é que são esporádicas e incompatíveis, e que não podem ser cultuadas todas juntas"¹⁶. Para Jankélévitch, o judaísmo é perplexidade sem fim, e durará até o fim dos tempos, e esse tempo não tem fim. Ou seja, ele não vê na história migratória e incerta do judaísmo um problema, mas fonte de criatividade. Enrico Fubini (1935-), importante autor de livros de estética da música escreveu um artigo chamado "Temas Musicais e Judaicos no pensamento de W. Jankélévitch". Fubini destaca em seu artigo que Jankélévitch vê o messianismo judaico de duas formas: 1 – a ideia do fim dos tempos e 2 – o abandono da ideia de

¹⁴ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé* – Terceiro texto "Meditação sobre a palavra DEUS". Págs 21 e 22.

¹⁵ JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *La coscienza ebraica*. p. 35.

¹⁶ Idem. p. 35 e 36.

um messias pessoal. Jankélévitch parece estar mais de acordo com a segunda opção: sua preocupação não é com o fim dos tempos, mas com os fins do tempo¹⁷, pois esse tempo nunca chegará ao final em sua opinião. Jankélévitch inclusive tem fortes críticas a alguns pontos de vista bíblicos, como o pecado original, a moral imóvel das religiões (para ele, formentadora de hipocrisias), o maniqueísmo, as crenças míticas¹⁸ e a vida após a morte¹⁹. Mas a questão “Deus” ainda continua incerta, ao mesmo “indizível” e “inefável”. No “*Quelque part dans l’inachevé*” ele diz: “Sei e não sei o que é essa coisa. Ou melhor, sei que ela é, mas não sei o que ela é... tal qual a morte, cuja efetividade é algo certo, mas cuja data é absolutamente incerta. Saber quê, sem saber o quê: é por esse semi-saber, por essa ciência mesclada de nesciência que sabemos os mistérios: Deus, o infinito, o tempo, a morte... Sei que há um número infinito, diz Pascal, mas não sei se ele é par ou ímpar.”²⁰ Ele destacou a diferença entre segredo e mistério: segredo como um tesouro escondido que preciso descobrir; o mistério como o inatingível e inalcançável. O mistério, palavra tão entendida pelo judaísmo: o Deus que ninguém viu, que não tem nome, que não se conhece a forma, o intocável.

Deus para Jankélévitch parece ser encontrado na inocência, na displicência, nas incertezas. Não que o filósofo não buscasse um rigor em sua filosofia, mas para ele a pretensão de tocar a verdade é uma utópica dogmática, mas sendo importante ir até o máximo para alcançar uma coerência sem falhas, aflorar as questões mais escondidas, informuláveis para extrair delas um mundo coeso.²¹

Considerações finais

Chego ao final deste artigo não afirmando, mas intuindo que a filosofia de Jankélévitch parece pretender abarcar a totalidade da comunicação humana, tendo como principio a linguagem mística, depois a linguagem poética, em seguida a linguagem da música, culminando na linguagem intelectual filosófica; não de forma analítica, fragmentada e preocupada com ordens hierárquicas de linguagens como fiz a pouco, mas em um todo harmonioso, unificado, inteiro; bem semelhante às características do pensamento judaico primitivo. O judeu primitivo não separava a mente do corpo, seu louvor e adoração a Deus era através da totalidade do seu ser:

¹⁷ FUBINI, Enrico. Temas musicais e judaicos no pensamento de w. Jankélévitch. *Estudos avançados* 10 (28), 1996. p. 352

¹⁸ Suas críticas se encontram no livro *Curso de Filosofia Moral*.

¹⁹ Jankélévitch dava a entender que a vida seria uma centelha divina, que brilha de forma única e intensa uma vez, e depois se apaga eternamente. Sobre esse assunto, ler “Antropologia em contraponto: a música e o ser humano em Vladimir Jankélévitch” do professor e orientador do autor deste artigo Clóvis Salgado Gontijo Oliveira.

²⁰ JANKÉLÉVITCH Vladimir e BERLOWITZ Béatrice. *Quelque part dans l’inachevé*, cap. 2.

²¹ Seu livro de entrevistas “*Quelque part dans l’inachevé*” (Em algum lugar do inalcançável) em parceria com Béatrice Berlowitz apresenta o pensamento do autor e suas matizes.

seu corpo, sua mente e sua alma louvavam a Deus.²² Jankélévitch em sua filosofia parece carregar sua cultura e ancestralidade. Seu compromisso com a visão bergsoniana de tempo, seu apreço pelas músicas displicentes e fluidas de Debussy, Fauré e Ravel, sua alusão constante aos místicos e a Plotino mostram seu compromisso sério e leve contra as ideologias políticas, contra a metafísica grega do tempo, contra as músicas grandiosas, imponentes e separatistas, contra os sistemas duros religiosos; ou seja, contra tudo aquilo que nos afaste do prazer do instante, da pura felicidade simples da vida. A questão Deus não é conclusiva, mas parece estar o tempo todo rondando como uma presença misteriosa em suas palavras; uma mistura de agnosticismo e teologia negativa, um agnosticismo apofático? Talvez semelhante ao vento suave que se apresenta como Deus para Elias²³, como a árvore que cresce e vira sombra para Jonas²⁴, ou a voz que suave que acorda o profeta Samuel no meio da noite²⁵, como o a escolha de um poeta, pastor de ovelhas humilde e pequeno como um ungido á rei de Israel (Davi)²⁶; como a loucura divina perante a sabedoria dos homens soa a filosofia de Vladimir Jankélévitch, em um mundo que, talvez, precise parar um minuto para ouvir o concerto musical existente em cada experiência.

Referências

- AMARAL, Fabiana Pereira do. A Representação da Dança na História Judaico-Cristã. *Garrafa* 13, 2. <http://www.ciencialit.lettras.ufrj.br/garrafa13/v2/fabianapereira.html>
- Bíblia, Mensagem de Deus*. São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- BREMOND, Henri. *La Poesia Pura* – con un debate sobre la poesía por Robert Souza. Trad. Julio Cortázar. Buenos Aires: Argos, 1947.
- BREMOND, Henri. *Plegarya y poesia*. Colección La vida del Espíritu. Trad. Elza Tabernig. Buenos Aires: Editorial Nova.
- BERGSON, Henri. *O pensamento e o movente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FUBINI, Enrico. Temas musicais e judaicos no pensamento de Wladimir Jankélévitch. *Estudo avançados* 10 (28). 1996.
- GOMES, Ingrid Rodrigues. "O Lugar da Dança no Contexto Religioso Católico: primeiros indícios". CEAFI- Pontifica Universidade Católica de Goiás.

²² Para consulta, indico os artigos "O Lugar da Dança no Contexto Religioso Católico: primeiros indícios" de Ingrid Rodrigues Gomes, "A Representação da Dança na História Judaico Cristã" de Fabiana Pereira do Amaral e "Música, dança e poesia na Bíblia" de Marla Monrabal.

²³ I Reis 19

²⁴ Jonas 4.

²⁵ I Samuel, 3.

²⁶ I Samuel 16-18.

MONRABAL, Marla V. T. *Música, dança e poesia na Bíblia*. Trad. José B. da Silva. São Paulo: Paulus, 2006.

GONTIJO OLIVEIRA, Clóvis Salgado. *Antropologia em contraponto: a música e o ser humano em Vladimir Jankélévitch*. 2017.

JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *A música e o inefável*, Prefácio e tradução: Clóvis Salgado Gontijo. Editora Perspectiva, 2018.

_____. *Le Je-ne-sais-quoi et le Presque-rien 2 - La méconnaissance, Le malentendu*. Éditions du Seuil, 1980

_____, BERLOWITZ, Béatrice. *Quelque part dans l'inachevé*. Gallimard, 1978

_____. *Primeiras e últimas palavras*. Campinas: Papirus, 1995.

_____. *Curso de Filosofia Moral*. Trad. Eduardo Brandão, texto estabelecido, anotado e prefaciado por Françoise Schwab. São Paulo; Editora Martins Fontes, 2008.

_____. *La coscienza ebraica*. Firenze, Editrice La Giuntina, Firenze, 1996.

LEVINAS, Emmanuel. *Do sagrado ao santo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

PLATÃO. *Diálogos*, Editor Victor Civita, São Paulo: Abril, 1972.

PLOTINO. *Tratado da Enéadas*: texto integral de 12 tratados. Tradução, apresentação, notas e ensaio final: Américo Sommerman. São Paulo: Polar, 2012.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé – Terceiro texto “Meditação sobre a palavra DEUS”*. São Paulo: Paulus, 1989.